

Oito mulheres na Executiva da FITIM

Nesta segunda-feira pela manhã o congresso da FITIM elegeu pela primeira vez na história oito mulheres para o Comitê Executivo da federação. Entre as metalúrgicas eleitas está a nossa companheira **Emilia Valente**.

O 31º Congresso da Federação Internacional dos Metalúrgicos iniciou-se no Domingo, 22 de maio, em Viena –Áustria, com a presença de 800 delegados do mundo inteiro. Estão representando a CNM-CUT os nossos companheiros **Carlos Alberto Grana**, **Fernando Lopes** e **Emilia Valente**. As maiores delegações são a japonesa, com 85 delegados, a austríaca com 70 delegados e a alemã, com 50 delegados. Dos 800 delegados, 130 são mulheres.



O principal ponto da agenda que está sendo discutida é um plano de ação para conter os impactos perniciosos do processo de globalização. Reunindo mais de 200 sindicatos de 100 países, o congresso representa uma verdadeira força que se contrapõe ao crescente poder das multinacionais e os delegados vão discutir as formas de impedir que as multinacionais se

movimentem de um país para outro, sempre em busca de salários mais baixos.

O plano de ação em discussão contempla a questão de como contrabalançar o poder da China de rebaixar os salários e as condições de vida de seus trabalhadores e dos trabalhadores do mundo inteiro, que enfrentam o seu desrespeito pelos direitos trabalhistas fundamentais

No Domingo, na abertura do congresso, o secretário geral da FITIM **Marcello Malentacchi** disse aos delegados: " Num período de 20 anos as grandes empresas transnacionais multiplicaram por quatro seus lucros, mas criaram apenas 23% mais de empregos. Cada vez, mais e mais pessoas se sujeitam a empregos temporários, trabalham mais horas ou ainda pior, ficam desempregadas. Nós precisamos de um plano global que melhores as perspectivas para os trabalhadores ".



Na segunda-feira o congresso elegeu sua nova executiva que contará com a presença de 8 mulheres. Além da nossa companheira **Emilia Valente**, farão parte da nova executiva mais uma brasileira – **Nair Goulart**, da Força Sindical, **Mari-Ann Krantz**, atual presidente da SIF da Suécia; **Carol Landry**, da USWA canadense; **Lucie Studnicna**, secretária internacional da OS Kovo, da República Tcheca; **Jessie Yeo**, secretária executiva da MIWU de Cingapura; **Mare Anceva**, secretária geral da SMER da Macedônia e **Selina Tyikwe**, do NUMSA da África do Sul.

As metalúrgicas eleitas foram saudadas pelo companheiro **Nürnbergge**, presidente da Gewerkschaft Metall – Textil (GMT), a federação metalúrgica austríaca que recebe o congresso. "Este é um momento histórico e emocionante. Nós estamos muito contentes com o enriquecimento que essas mulheres trarão ao trabalho e às políticas da FITIM. A presença delas na executiva é um gesto para as mulheres de todo o mundo de que elas são bem vindas nas federações metalúrgicas."

Além delas, o companheiro **Tom Buffenbarger**, presidente internacional do AIM, associação dos metalúrgicos e trabalhadores aeroespaciais da América do Norte, foi eleito vice-presidente da Executiva.

Entrevistada pela FITIM, a companheira **Emilia Valente** destacou dois pontos no processo de globalização. Um positivo, pois "finalmente a questão de gênero está sendo discutida nos sindicatos. Nós temos acesso a fatos, dados e material de apoio com os quais podemos argumentar e trabalhar". Mas na questão das condições das trabalhadoras, o Brasil encontra-se "na mesma situação dos outros países : as mulheres trabalham em empregos com remuneração menor e pouca segurança" .

Ela, que começou o seu trabalho sindical na Philips em Manaus falou das condições de trabalho nas zonas de produção terceirizadas. "Um exemplo típico de como a globalização funciona são as Zonas Franca, onde são pagos baixos salários. O número de desempregados aumenta e ao mesmo tempo, a situação dos trabalhadores com emprego torna-se mais precária e insegura. Muitas vezes os trabalhadores não enfrentam essa situação com medo de perder seus empregos" .



Violação dos direitos sindicais na Coreia

A Federação Internacional dos Metalúrgicos condenou a violação dos direitos sindicais na Coreia e expressou a solidariedade de todos os metalúrgicos do mundo com os trabalhadores da Hynix MagnaChip.

O governo e os empregadores violam constantemente os direitos dos trabalhadores informais de constituírem seus sindicatos e de negociarem a remuneração pelo seu trabalho . A remuneração desses trabalhadores subcontratados é frequentemente a metade da remuneração dos trabalhadores regulares.

Os trabalhadores terceirizados da Hynix MagnaChip Semiconductor na fábrica de Cheongju, na província Chungbuk, lutaram por vários meses até que em outubro de 2004 conseguiram formar seu sindicato. A essa mobilização, direção da Hynix MagnaChip respondeu com a demissão de 180 trabalhadores que haviam se juntado à nova organização.

Os trabalhadores demitidos que protestavam em frente à fábrica foram violentamente atacados pela polícia e no Primeiro de Maio, trabalhadores da mesma região que realizavam uma passeata de solidariedade com os trabalhadores da Hynix, também foram atacados.

Marcello Malentacchi, secretário geral da FITIM disse " que a luta contra o crescente número de trabalhadores informais é a prioridade para os sindicatos metalúrgicos da Coreia do Sul." Ele acrescentou que os trabalhadores informais "já contam por cerca de 60% da força de trabalho no país".

A KMWF fez em 20 de maio uma greve de solidariedade aos trabalhadores da Hynix. A FITIM e seus sindicatos vão continuar defendendo os direitos dos trabalhadores coreanos.

Lula se encontrará com sindicalistas coreanos

O nosso presidente Lula, que comanda uma delegação em visita à Coreia do Sul e ao Japão, vai encontrar-se com sindicalistas coreanos. Conforme a Confederação Coreana de Sindicatos (KCTU) no encontro desta terça-feira serão discutidas questões sobre a globalização, sobre o neoliberalismo, sobre o intercâmbio comercial e sobre a estabilidade da Península Coreana.

Conforme declarou a KCTU em comunicado à imprensa " o encontro foi acertado com a ajuda da central sindical brasileira CUT com a qual nós temos relações há longo tempo, e foi calorosamente aceito pelo presidente brasileiro " .

O encontro será no Hotel Lotte, em Seul.

Lula visita o país à convite das Nações Unidas para participar do "Fórum sobre a Reinvenção do Governo", que começou hoje. Ele também se encontrará, na quarta-feira , com o presidente sul-coreano Roh Moo-hyun .

Na sua entrevista com o presidente Lula, os sindicalistas coreanos vão enfatizar que o processo de globalização liderado pelos Estados Unidos tem ameaçado a vida e os direitos dos trabalhadores em todo o mundo, inclusive na Coreia .

Meta baixa de inflação é bom para o País?

Por que uma meta de inflação muito baixa não é bom para o Brasil

Isto mesmo, ouvinte, quero defender aqui a tese de que uma meta de inflação extremamente baixa não é bom para o Brasil por mais incrível que isto possa parecer.

Os jornais dos últimos dias veiculam a notícia de que o Conselho Monetário Nacional – aquele mesmo que hoje conta com apenas 3 membros, o Ministro da Fazenda, o Ministro do Planejamento e o Presidente do Banco Central e em torno do qual a CUT vem propondo a ampliação para incorporação de membros da sociedade –... bem o Conselho Monetário Nacional deverá, em sua próxima reunião de junho, fixar a meta de inflação para 2007 – isto mesmo, 2007! – em 4,5%.

Então teríamos, as seguintes metas já fixadas:

- . Para este ano, 2005, a meta de inflação é de 5,1%
- . Para o ano de 2006, a meta é : 4,5%
- . E para 2007, a meta é também de 4,5%

O ouvinte poderia então perguntar: como você, Jefferson, pode ser contra a idéia e o desejo de que a inflação fique em patamar baixo como este?

Ora, o problema é que o atual modelo de metas seguido pelo Brasil significa mais do que fixar tão-somente uma meta. Este modelo impõe que toda a política econômica esteja arquitetada para atingir a esta meta quase exclusiva. Então, se a meta é baixa, isto significa que taxas de inflação eventualmente superiores à meta serão rigidamente combatidas por meio inclusive de processos recessivos, promovidos por meio da elevação da taxa básica de juros; da redução da quantidade de dinheiro em circulação; por meio do aperto do crédito, entre outras medidas.

4,5% de meta de inflação é, a nosso ver, uma meta incompatível com os diversos desequilíbrios típicos de um país em processo de desenvolvimento retardatário, e que deve encarar permanente a necessidade de discutir os preços relativos. Por exemplo, é preciso que mais pessoas comprem leite e carne, sem que isto afete o nível de preços. Não é tarefa nada fácil. Um outro exemplo reside na questão das tarifas públicas – como energia e telefone – que hoje não são reajustados por uma “meta” de inflação e sim pelos índices de preços fixados nos contratos.

Esta meta é tão apertada que em apenas dois anos de nossa história – em 1946 e 1999 – por motivos muito específicos, o Brasil alcançou taxas inferiores a 4,5%.

Quero deixar claro que sou a favor de inflação baixa. Mas discordo do atual modelo de metas, como único ou principal objetivo a ser alcançado. Temos que ter pelo menos 3 metas: a meta de inflação; a meta de crescimento econômico; e uma meta de distribuição de renda – por exemplo a elevação planejada do salário mínimo.

Se tivermos 3 metas, poderemos chegar à conclusão de que talvez melhor do que uma meta exclusiva de inflação de 4,5%, com produção retraída e sem distribuição de renda, o melhor seria uma meta de inflação, por exemplo, de 7% com um crescimento econômico de 5% a 6% e uma elevação do salário mínimo de 8% em termos reais.

É isso.

Jefferson José da Conceição, economista da Subseção DIEESE-CUT Nacional, para o Jornal dos Trabalhadores. (*Agência CUT Notícias*, 17.05.2005)

Dólar barato aquece as vendas dos importados

Com dólar barato, vendas de carros importados crescem 40% no quadrimestre

O dólar barato começa a aquecer as vendas dos importadores. Esse movimento já foi sentido pelos importadores de veículos. Números da Abeiva (Associação Brasileira das Empresas Importadoras de Veículos Automotores) mostram que foram vendidos no atacado 1.610 carros importados de janeiro a abril, um aumento de 40,8% em relação ao mesmo período de 2004.

No varejo, o crescimento foi um pouco menor: 30,4%, com 1.514 veículos importados.

A Abeiva revisou para cima as projeções para 2005, graças ao bom desempenho do quadrimestre. Agora, a associação prevê que serão vendidos 4.500 veículos importados --anteriormente estimava uma comercialização de 4.000 unidades.

O presidente da Abeiva, André Müller Carioba, disse que o crescimento do setor pode ser explicado pelo lançamento de novos produtos e "materialização parcial da demanda reprimida".

No entanto, ele reclama da alíquota de importação de 35%. "A permanência [dessa alíquota] representa grande entrave à competitividade." (*Folha Online, 21.05.2005*)

GM reduz exportações para o México

Dirigente aponta reação negativa da desvalorização do dólar

O vice-presidente da General Motors, José Carlos Pinheiro Neto, criticou ontem, em Gravataí, a forte desvalorização do dólar ante o real. O dirigente disse que a empresa reduziu em cerca de 10% o volume de exportações para o México.

- Como está, não dá para continuar. Precisamos de qualquer coisa para superar a atual situação - afirmou Pinheiro Neto, presente à comemoração da produção do Celta 500 mil.

O executivo lembrou que o ingresso no mercado mexicano "foi uma guerra" e, agora, se está cedendo espaço à concorrência, no caso a filial coreana da própria GM, a Daewoo, "de mão beijada". (*O Estado de S.Paulo, 21.05.2005*)

Brasil começa a agir contra a China

Depois de fortes pressões de setores da indústria nacional, o governo deu um primeiro passo para o Brasil adotar medidas de salvaguardas contra as exportações chinesas. A Câmara de Comércio Exterior (Camex) anunciou ontem que vai regulamentar esse mecanismo de proteção comercial. Com ele, o Brasil poderá sobretaxar as importações ou impor cotas aos produtos chineses para proteger a produção nacional.

A regulamentação é necessária para que os setores econômicos que provarem que estão sendo prejudicados pela importação de produtos chineses possam pedir ao governo a adoção das salvaguardas.

A medida tem sido reivindicada, principalmente, pelos setores de têxteis e calçados, que se dizem ameaçados pelas importações de produtos chineses no Brasil. Estados Unidos, Argentina e a União Européia, que também enfrentam problemas com a invasão de produtos chineses, já haviam regulamentado as salvaguardas.

A decisão brasileira vem no momento em que o governo Lula está em processo de negociação com Pequim para o reconhecimento da China como economia de mercado. Concretamente, a concessão de status de economia de mercado dificulta o processo de investigação de medidas de defesa comercial, especialmente de medidas antidumping. O secretário-executivo da Camex, Mário Mugnaini, disse que o reconhecimento não muda o processo para aplicação de salvaguardas.

A regulamentação do mecanismo de salvaguardas está prevista no protocolo de adesão da China à Organização Mundial do Comércio (OMC). Foi uma espécie de "pedágio" para a China ser aceita na organização.

Importações

A média de crescimento das importações da China tem sido bem maior do que o crescimento da média das importações em geral. De janeiro a abril, as importações da China cresceram 58%, enquanto o crescimento das importações está em torno de 21%.

Segundo o secretário de Comércio Exterior, Ivan Ramalho, as importações do setor de confecções cresceram no mesmo período 148%. As de filamentos, fios e tecidos, 170%. O secretário destacou, no entanto, que muito das importações brasileiras da China são de insumos usados na produção interna para exportação, como é o caso da indústria de celulares.

Ramalho afirmou que ainda não existe nenhum pedido para o governo brasileiro de salvaguardas contra produtos chineses, até porque, segundo ele, os pedidos não poderiam ser protocolados sem essa regulamentação que está sendo feita agora. (Renata Veríssimo/Adriana Fernandes) (*O Estado de S.Paulo, 21.05.2005*)

Decisão do Brasil está três anos atrasada

Os chineses buscam informações do governo brasileiro sobre uma eventual imposição de salvaguardas contra os seus produtos têxteis. Nos últimos dias, diplomatas chineses estiveram em contato com o governo brasileiro para saber qual a direção do País no que se refere a novas medidas protecionistas. A preocupação dos chineses surgiu quando o setor produtivo brasileiro levantou as primeiras questões sobre o impacto do aumento das importações de têxteis e começou

a pressionar o governo por ações para impedir uma invasão do mercado por produtos chineses. Os encontros ocorreram em Brasília.

Apesar da preocupação chinesa, a realidade é que a decisão do Brasil de regulamentar a lei que possibilita a adoção de salvaguardas está três anos atrasada. Os chineses entraram na Organização Mundial do Comércio (OMC) no fim de 2001 e os demais países da entidade poderiam ter adotado o acordo de salvaguarda a partir de 2002. O acordo seria uma exigência, caso um governo desejasse implementar barreiras exclusivamente aos produtos chineses.

No caso do Brasil, o País é um dos últimos entre os principais atores das negociações na OMC a tomar a decisão de regulamentar a lei. Tanto Estados Unidos quanto União Européia adotaram essa iniciativa há meses e já iniciam investigações contra os produtos chineses para uma eventual aplicação de sobretaxas. A Argentina também já havia regulamentado a lei. Nenhuma salvaguarda foi até hoje implementada pelos países com base no acordo de 2001.

Ainda que o Brasil tenha adotado essa medida de regulamentar as salvaguardas, os chineses não têm do que se queixar quanto ao comportamento do País nas negociações da OMC. O Brasil sempre quis que o fim do regime de cotas não fosse revisto, como desejam outros governos.

As cotas sobre os têxteis foram retiradas no fim de 2004, depois de 40 anos de existência e 10 anos de transição. O que o Brasil teme é que, no futuro, a agricultura passe por esse mesmo fenômeno. Nesse caso, o País estaria sendo o grande beneficiário e não gostaria de ver seu direito de vender mais limitado por países que estejam sofrendo prejuízo. Outro fenômeno a ser observado é o dos danos. Uma salvaguarda apenas é legal se ficar provado que existe relação entre os aumentos das importações e prejuízos de um setor. (Jamil Chade Correspondente em Genebra) *(O Estado de S.Paulo, 21.05.2005)*

'Antes tarde do que nunca', diz empresário

Lideranças paulistas consideram a medida positiva, embora critiquem demora na decisão

As lideranças empresariais paulistas consideraram muito positiva a decisão da Câmara de Comércio Exterior (Camex) de regulamentar o mecanismo de salvaguardas para a China. Mas também houve crítica à demora na regulamentação e a Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit) não quis comentar o anúncio do governo. Distribuiu nota afirmando que a entidade somente se pronunciará sobre a adoção da salvaguarda, quando o decreto for publicado no Diário Oficial.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Paulo Skaf, que reivindicava a medida há meses, lembrou que as importações brasileiras de manufaturados chineses crescem de forma rápida.

Em 2003, por exemplo, a balança comercial de manufaturados era superavitária para o Brasil em US\$ 160 milhões. Em 2004, o resultado passou para déficit de US\$ 1,6 bilhão, e neste ano, a projeção é de um déficit ainda maior, na casa dos US\$ 3 bilhões. "Todos os manufaturados foram atingidos pela competição da China. A coisa é séria e muito veloz", disse Skaf. Para ele, a decisão do governo brasileiro mostra a vontade política de Brasília de utilizar mecanismos legítimos de defesa comercial, a exemplo do que fazem Japão, Estados Unidos e União Européia contra a China.

O presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), Claudio Vaz, disse que "as empresas agredidas pela concorrência desleal mantêm, agora, as esperanças vivas." Lembrou que existem importações de lâmpadas chinesas "a preços figurativos de um centavo de dólar e de máquinas injetoras a menos de um terço do preço de mercado."

O diretor do Departamento de Relações Internacionais e Comércio Exterior da Fiesp, Carlos Cavalcanti, disse que a regulamentação demorou. Os EUA, lembrou, já têm oito salvaguardas aplicadas na área têxtil. "O governo foi lento para regulamentar o que já estava previsto no acordo de ingresso da China na OMC. Mas antes tarde do que nunca. Vamos cobrar a aplicação destas salvaguardas."

O presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), Elcio Jacometti, considerou a decisão um instrumento eficaz para evitar distorções no setor. Segundo ele, apenas no primeiro quadrimestre de 2005, as importações de calçados chineses para o Brasil superaram entre 160% e 180% as realizadas no mesmo período de 2004.

O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, disse que o Brasil não podia ficar passivo diante da penetração dos produtos chineses. Para Monteiro Neto, o setor têxtil é um dos mais prejudicados. Ele espera que, com a regulamentação, a adoção das salvaguardas seja rápida. "Temos de ser ágeis sob pena de estarmos perdendo empregos", disse.

Ele destacou que a indústria têxtil brasileira é competitiva, tem padrão de produtividade internacional, e que os fatos indicam que os chineses não estão usando práticas comerciais leais.

O diretor de Comércio Exterior do Ciesp, Humberto Barbato, informou que a entidade solicitou ontem ao ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, a ampliação do prazo para liquidação dos contratos de câmbio de exportação de 7 meses para 18 meses. O objetivo, segundo o executivo, é diminuir a pressão do câmbio na cotação do dólar. "Tanto as salvaguardas quanto a ampliação dos prazos de liquidação do dólar são fundamentais para que a indústria brasileira continue competitiva." (*O Estado de S.Paulo*, 21.05.2005)

Saldo com a China pode virar déficit

Neste ano, superávit deve despencar para US\$ 800 milhões, ante US\$ 1,73 bilhão em 2004 e US\$ 2,38 bilhões em 2003

Depois de encolher 27,5% em 2004, o superávit comercial do Brasil com a China deverá despencar 54% este ano e o resultado vai se transformar em déficit comercial provavelmente já em 2006. A projeção é da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). Para a entidade, depois de consolidar as vendas para os Estados Unidos e Europa, a China "está voltando as baterias" para a América do Sul.

"Enquanto o ritmo das nossas exportações para lá estão caindo, a deles está crescendo", diz o vice-presidente executivo da AEB, José Augusto de Castro. No ano passado, o saldo favorável ao Brasil foi de US\$ 1,730 bilhão, ante US\$ 2,385 bilhões em 2004.

A projeção para 2005 é de US\$ 800 milhões. No primeiro quadrimestre deste ano, as importações brasileiras da China cresceram a uma velocidade 15 vezes maior do que a das exportações.

Enquanto os chineses registram avanço de 58,2% sobre o mercado brasileiro, as vendas ao parceiro aumentaram apenas 3,9%. As explicações para o forte desempenho da China são o câmbio fixo e desvalorizado por política governamental, mão de obra "baratíssima" e "um subsídio que existe, mas não há como quantificar", além de condições favoráveis de pagamento, comenta o vice-presidente da AEB. "A China é muito agressiva comercialmente", afirma.

Mercados

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) iniciou estudo para identificar os setores nacionais afetados pelas vendas chinesas, que tem aumentado muito desde o ano passado.

Uma das conclusões preliminares indica que, num grupo de segmentos, a China aumenta vendas para o Brasil ganhando mercado sobre outros países. Em outras áreas, as compras do país asiático crescem deslocando produtores nacionais.

Fernanda De Negri, economista do Ipea, explica que o problema ocorre quando a entrada dos produtos chineses prejudica a produção local.

É o caso do setor de tecelagem, que fica dentro do setor têxtil, assim como dos calçados. Em outros, como o de eletroeletrônicos e de tecidos e artigos de malha, os chineses deslocam concorrentes internacionais que também vendem para o Brasil.

Ela concorda que o País pode voltar a ter déficits comerciais com a China. "É possível que isso aconteça. Mas em muitos setores não é necessariamente um prejuízo à indústria local. O crescimento chinês é em cima de outros concorrentes", diz a economista.

Concorrência

O vice-presidente da AEB argumenta que os grandes setores intensivos em mão de obra no Brasil são diretamente afetados pela concorrência chinesa, porque o custo salarial é muito inferior no país oriental. O setor brinquedos também se queixa da invasão de produtos chineses.

Castro explica que a tendência é de reversão dos saldos positivos. O último déficit comercial com a China foi em 2001.

Ele explica que a pauta de exportação brasileira, dominada por produtos básicos e commodities, é mais estática.

Já a oferta chinesa, com predomínio de manufaturas, tem evolução mais dinâmica.

E ainda há o agravante de que, além do preço, a China também já está oferecendo qualidade e tecnologia, alerta o executivo da Associação de Comércio Exterior do Brasil. (Nilson Brandão Junior) (*O Estado de S.Paulo*, 21.05.2005)

Potências digitais dependem de Taiwan

Salto tecnológico fez país dominar a indústria eletrônica em áreas importantes e rivalizar com Japão e Coreia

Bruce Einhorn BusinessWeek

Quer encontrar o centro oculto da economia mundial? Siga pela rodovia Sun Yat-sen, em Taiwan. É por ela que você chega às companhias que conectam os vastos mercados e as potências digitais dos EUA com os enormes centros de fabricação da China.

A Sun Yat-sen é tão agradável quanto qualquer rodovia interestadual americana, mas é a rodovia da globalização. Ela serpenteia pela costa oeste de Taiwan, mas o principal trecho de 70 quilômetros começa em Neihu, um novo distrito em crescimento em Taipé, cheio de edifícios high-tech, e termina em Hsinchu, lar de duas das melhores universidades do país.

Ao longo do caminho, a Sun Yat-sen leva a algumas das mais importantes - mas anônimas - companhias de tecnologia do mundo: Asustek Computer, de cujas fábricas na China saem os iPods e Mac minis da Apple; e Quanta Computer, maior fabricante de notebooks do mundo e grande fornecedora da Dell e da Hewlett-Packard (HP). Você também vai ver a Taiwan Semiconductor Manufacturing, a maior fundição de chips do planeta, e uma parceira importantíssima de companhias americanas como a Qualcomm e a Nvidia.

Juntas, as receitas das 25 maiores empresas de tecnologia de Taiwan devem atingir US\$ 122 bilhões este ano. O sucesso de Taiwan é também o sucesso da China. Não se sabe ao certo quanto das exportações de hardware de informação e comunicação chineses são feitas em fábricas de Taiwan, mas as estimativas vão de 40% a 80%.

Cerca de 1 milhão de taiwaneses vivem e trabalham na China continental. "Toda a capacidade de produção da China é revestida com a experiência administrativa e de marketing dos taiwaneses, junto com todos os seus contatos no mundo", observa Russell Craig, a consultoria Vericors.

É impressionante. Mesmo assim, para muita gente de todo o mundo, Taiwan evoca apenas uma coisa: o impasse entre a República Popular da China, que considera a próspera democracia como apenas uma província rebelde, e o presidente de Taiwan, Chen Shui-bian, que não faz segredo de seu sonho de independência.

Uma guerra entre Taiwan e China seria catastrófica em termos humanos. E para as companhias ocidentais que construíram suas fortunas ao redor de Taiwan, as conseqüências seriam um golpe direto na economia global e na era digital.

"Seria o equivalente à explosão de uma bomba atômica", diz um alto executivo de uma gigante high-tech americana. Mas a indústria dos EUA não poderia desenvolver fontes de oferta de Tecnologia da Informação (TI) que não envolvessem os taiwaneses?

"É como perguntar 'qual a alternativa para o petróleo do Oriente Médio?'" , afirma o executivo. "Você pode até descobrir, mas vai custar muito."

Isso não impede Taiwan e China de serem extremamente pragmáticos. A Taiwan corporativa não perdeu o passo. A fabricante de PCs Acer, por exemplo, aumentou suas vendas em 40% em março; seus modelos estão entre os cinco mais vendidos no mundo. A Dell e a HP vão comprar, respectivamente, US\$ 10 bilhões e US\$ 21 bilhões de Taiwan este ano, segundo a consultoria TRT Research, de Chicago.

A Apple aumentou sua carteira de pedidos para US\$ 5 bilhões, 28% a mais que em 2004. A Quanta anunciou uma parceria com o Massachusetts Institute of Technology (MIT) para pesquisar a próxima geração de computadores.

Apesar de uma queda cíclica afetando os lucros, a TSMC embarcou num esforço de US\$ 2,6 bilhões para a produção de um número jamais visto de chips personalizados. Em comparação a um fabricante de chips mais especializado, como a Intel, "temos um número de produtos até cem vezes maior", diz o principal executivo e presidente do conselho de administração da TSMC, Morris Chang.

A China poderá até ameaçar Taiwan como a maior provedora de TI. Mas, por enquanto, são os engenheiros taiwaneses que fornecem as soluções engenhosas para resolver problemas de produção e de design.

"Em Taiwan, as pessoas dizem que o entendimento da terceirização nos EUA é atrasado", diz Victor Zue, diretor-adjunto do Laboratório de Ciências da Computação & Inteligência Artificial do MIT.

A indústria de alta tecnologia da ilha teve que se aprimorar muito para chegar onde chegou.

Taiwan versus China

Comparação de indicadores

	Taiwan	China
PIB Per capita	US\$ 14.300*	US\$ 1.200
Investimento total	US\$ 100 bilhões (de Taiwan na China)	US\$ 0 (da China em Taiwan)
Reservas externas	US\$ 251 bilhões	US\$ 650 bilhões
Patentes dos EUA para empresas locais	5.299*	366*

fontes: Industrial Technology Research Institute e PricewaterhouseCoopers * 1999 e 2000

Dez anos atrás, Taiwan fazia componentes ou montava máquinas projetadas em outros países. Era só um concorrente marginal em segmentos mais lucrativos da indústria eletrônica.

Hoje, suas empresas são cada vez mais especializadas em design original e dominam a fabricação em categorias importantes. Nas telas de cristal líquido, os taiwaneses já superaram os japoneses e rivalizam com os coreanos.

As indústrias do país	
No ranking mundial	
1º	fornecedor de monitores LCD, com 68% do mercado
1º	fabricante de cabos de modem, com 66% do mercado
1º	fabricante de rede local de computadores sem fio, com 83% do mercado
1º	fabricante de computadores de mão, com 79% do mercado
1º	fabricante de notebooks, com 72% do mercado
2º	fabricante de telas de cristal líquido, com 35% do mercado

Fuente: Market Intelligence e Center e Taiwan Industrial Technology Research Institute

Taiwan está na frente em roteadores, notebooks e modems a cabo. A indústria de PCs "realmente já se consolidou em Taiwan", diz John A. Antone, presidente da Intel para a região da Ásia-Pacífico. A Intel tem 400 engenheiros trabalhando em Taiwan. "É onde a melhor engenharia está sendo feita."

Como é que Taiwan faz isso? Salários menores ajudam. "Os custos de engenharia em Taiwan são de cerca de um terço do custo nos EUA", diz Kai Hsiao, diretor global de aquisições para a China da HP. As fábricas de Taiwan da China continental apresentam salários médios mensais de US\$ 120 em uma linha de montagem.

Mas a vantagem de Taiwan vai bem além da mão-de-obra barata. A ilha combina cultura empreendedora com envolvimento eficiente do governo. O Industrial Technology Research Institute (ITRI), de Hsinchu, é uma coleção de laboratórios do governo trabalhando de perto com empresas locais.

Ele tem 4.300 engenheiros se esforçando para igualar o melhor que o Ocidente, o Japão e a Coreia do Sul têm a oferecer em campos como microeletrônica e optoeletrônica. O ITRI tem alianças com cientistas do MIT, da Universidade da Califórnia e da Carnegie Mellon University nos EUA. Companhias como a TSMC e a concorrente United Microelectronic têm suas origens em tecnologias do ITRI.

O resultado é uma das maiores reservas de talentos em alta tecnologia do mundo. Começa com pessoas como Chang, que esteve presente na criação da tecnologia taiwanesa. Ande pela Fab 12, a fábrica da TSMC em Hsinchu que custou bilhões de dólares, e você verá um retrato gigante do presidente do conselho de administração sentado em uma poltrona, com um cachimbo na mão.

Taiwan espera controlar design e inovação e transferir grande parte de sua capacidade de produção para a China "

Rodeando o retrato estão cenas de sua vida - quando criança em Hong Kong, quando estudante em Harvard, e como presidente da TSMC na estréia da companhia na Bolsa de Valores de Nova York. Mas Chang, 73 anos e cabelos brancos, ainda não terminou. Ele ainda trabalha duro para superar as concorrentes em Taiwan, como a UMC, e em Xangai, como a Semiconductor Manufacturing International Corp. (SMIC).

Chang e outros líderes tecnológicos combinam valores ocidentais - Chang teve aulas de artes em Harvard, antes de estudar engenharia mecânica no MIT - com a cultura asiática. Num minuto Jonney Shih, fundador da Asustek, está discutindo as melhores práticas do sistema de qualidade Sigma Six; no minuto seguinte, ele estará evocando a serpente Changshan descrita em "A Arte da Guerra", de Sun Tzu. Quando atacada em uma ponta, a serpente contra-ataca com a outra. "Nós precisamos desse tipo de reação rápida", diz Shih.

Os reflexos apurados de taiwaneses como Shih fazem toda a diferença. Ao contrário da Coreia, onde a Samsung e a LG dominam, Taiwan é formada por empresas menores e mais ágeis. Quando as companhias taiwanesas ficam grandes demais, elas tendem a se desmembrar e mudar o foco.

Daí em 2001 a fabricante de computadores Acer ter originado a BenQ, uma companhia de produtos eletrônicos de consumo, e a AU Optronics, uma fabricante de telas de cristal líquido. As casas de design de chips de Hsinchu, desmembradas da UMC, incluem a MediaTek e a Novatek, uma projetista de chips para telas de cristal líquido.

Algumas das companhias de tecnologia mais importantes de Taiwan também vêm crescendo adquirindo tecnologia de outros países. A Chi Mei Optoelectronics licenciou a tecnologia de fabricação de telas de cristal líquido da Fujitsu e contratou grandes engenheiros para criarem o resto do conhecimento necessário para que ela se torne uma produtora líder de telas de cristal líquido.

Todos esses negócios se sobressaem nos serviços aos clientes corporativos. Dezoito meses atrás, depois que a Intel fez uma grande aposta no Centrino, o sistema de Internet sem fio para PCs notebooks, a companhia americana procurou um sócio que pudesse colocar rapidamente no mercado os computadores com o sistema.

Então a Intel juntou-se a engenheiros da Acer. Em três meses, afirma o principal executivo da Acer, J.T. Wang, eles não só criaram um notebook Centrino de ponta, vendido com a marca Acer, como também PCs medianos e até para pessoas que nunca tiveram um computador, usando a nova tecnologia da Intel.

As companhias taiwanesas fazem de tudo para satisfazer os clientes. Quando a Quanta estava trabalhando pela primeira vez no que prometia ser um novo e sensacional design para um cliente, ela teve que fazer o trabalho em sigilo absoluto.

Outras companhias taiwanesas combinam discricão com a capacidade de atender até mesmo o menor dos pedidos. Hsiao, da HP, diz que chega a formular pedidos de dez PCs com configurações especializadas. Os taiwaneses podem processar e embarcar um pedido desses em 48 horas. "Eles podem mudar de direção da noite para o dia", diz Hsiao. Esse conjunto de idéias e atitudes do tipo tudo-o-que-for-preciso, vem fazendo empresas de Taiwan a se mudarem para a China continental em uma velocidade surpreendente.

Problemas de lealdade não entram na equação. Wang, o principal executivo da Acer, recentemente perguntou a seus próprios fornecedores taiwaneses se, como bons cidadãos, eles manteriam alguma produção em Taiwan. "A resposta deles foi: De jeito nenhum."

Os taiwaneses também desempenham um papel vital para os concorrentes na China continental. Liu Chuanzhi, presidente do conselho de administração da Lenovo, que acaba de concluir a compra da divisão de PCs da IBM, diz que a companhia compra componentes de empresas taiwanesas. Segundo a THT Research, a Lenovo até mesmo compra notebooks da Quanta, Compal e MiTAC.

Liu diz que o mais importante de tudo é que são os taiwaneses que realmente desenvolvem a indústria de semicondutores da China. Empresas chinesas como a SMIC dependem de executivos taiwaneses para o know-how.

Na verdade, Taiwan espera controlar o design e a inovação e transferir grande parte de sua capacidade de produção para a China. Hoje, quando as companhias americanas vão para Taiwan elas dizem: "Isso é o que nós queremos. Vocês têm?", afirma Billy Ho, presidente da MiTAC, que fabrica assistentes pessoais digitais (PDAs).

Cada vez mais os taiwaneses têm. Dois anos atrás, a MiTAC decidiu fazer um upgrade nos PDAs que vende com sua própria marca, assim como sob diferentes nomes na Europa. Em discussões com a equipe de vendas, Ho lembrou como ele ficava aturdido com o desenho das ruas de Birmingham, quando morou no Reino Unido.

Um PDA com GPS, o sistema global de posicionamento por satélite, foi a resposta. Hoje, a MiTAC é a terceira do mundo em PDAs.

Os taiwaneses sabem o quanto eles são bons nessas inovações. Mas eles também sabem que estão sendo espremidos nos preços, ao mesmo tempo em que sofrem uma inexorável pressão para serem mais criativos. "As margens também vêm chamando atenção no negócio de PCs porque os produtos se tornaram bastante commoditizados", diz Michael Marks, principal executivo da Flextronics.

As margens líquidas da Asustek caíram de 19% em 2001 para 6,4%. O lucro líquido em 2004, de US\$ 484 milhões, foi 7% menor que o resultado de 2001, embora as vendas tenham quase triplicado no mesmo período. A Quanta e a Compal também estão sofrendo com a queda das margens de lucro, apesar do crescimento das vendas.

Alguns analistas também se perguntam por quanto tempo os taiwaneses terão a vantagem nos chips. "Acho que Taiwan não está mais no banco do motorista", diz James C. Mulvenon, co-autor de um estudo de 2004 da Rand Corporation sobre as indústrias de chips de Taiwan e da China, que conclui que os fabricantes de chips europeus e japoneses fornecerão à China a tecnologia que os taiwaneses se recusam a compartilhar.

Uma saída é encontrar novos mercados. "Precisamos pegar a nova onda de produtos", diz Ray Chen, presidente da Compal. "E ela pode ser as TVs, celulares, centros domésticos de mídia digital. Ainda não sabemos". Para fazer isso melhor, a Compal planeja dobrar sua equipe de desenvolvimento.

A outra maneira que Taiwan tem de permanecer na frente é criar suas próprias marcas e manter margens sólidas proporcionando desempenho e design melhores. No coração do esforço que Taiwan está fazendo para se reinventar está o ITRI, o instituto de pesquisas do governo. Ele está envolvido em tudo, de novas redes de telefonia sem fio a nanotubos que fornecem luz de fundo para telas. Também tenta mesclar as ciências naturais com as ciências sociais.

Taiwan tem muito com o que se preocupar, mas é conhecida por sua resistência. John Antone da Intel compara Taiwan a maratonistas que estão sendo desafiados e mesmo assim continuam na liderança. "Enquanto eles estiverem dispostos a correr com muita agressividade", diz ele, "não vejo ninguém capaz de alcançá-los". (*Valor Econômico*, 18.05.2005)

CNM-Internacional é um informativo da Secretaria de Relações Internacionais da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – **CNM-CUT**, editado pela Consultoria Econômica e Social Integrada
Secretário Geral da **CNM** : Fernando Lopes
Jornalista Responsável : Antonio Carlos Castro (MTb 36.741/SP)
internacional@cnmcut.org <http://www.cnmcut.org.br>